

DO QUARTO DE DESPEJO À CASA DE ALVENARIA: MODOS DE MORAR EM CAROLINA MARIA DE JESUS

FERNANDA MOTA DE OLIVEIRA¹

GIOVANA GASPAROTTO SOUZA CABRAL²

Resumo: Esse artigo tenciona analisar e refletir sobre os modos de morar expostos nas duas primeiras obras da escritora Carolina Maria de Jesus, no que tange aos aspectos físicos, culturais e sociais dessas moradias. Carolina residiu em duas formas de moradia bastante distintas: morou doze anos em um barracão de tábuas e zinco, na Favela do Canindé e posteriormente, migrou para uma casa de alvenaria no bairro de Santana. Sendo assim, observaremos de maneira analítica essas duas formas de moradia tendo como fonte os seus diários, que foram publicados como livros: *Quarto de despejo* (1960) e *Casa de Alvenaria* (1961).

Palavras-chave: Quarto de despejo; Casa de alvenaria; Moradia; Carolina Maria de Jesus.

1. INTRODUÇÃO

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora notória por ter denunciado, através de seus relatos, as mazelas vividas pelas populações pobres, e sobretudo por ela mesma, nas favelas paulistanas na década de 1950. Seus diários deram origem às obras *Quarto de despejo* (1960), em que a autora relata sua vivência na favela do Canindé em São Paulo na década de 1950, e *Casa de Alvenaria* (1961), em que a autora narra suas vivências durante e após a publicação de seu diário, a partir da década de 1960, o que inclui a transição de moradia para uma casa de alvenaria em Santana-SP. Essas obras são as principais fontes dessa publicação, na qual visamos descrever e analisar os modos de morar físicos e sociais da autora.

O artigo foi dividido em quatro subtítulos: o primeiro, Vida e obra de Carolina Maria de Jesus, trata da vida da autora, bem como apresenta suas obras que foram publicadas; o segundo Traduções, recepção de suas obras e publicações acadêmicas, apresenta de forma ampla os desdobramentos de suas publicações, tanto no sucesso que alcançaram, quanto na influência cultural e acadêmica de Carolina; o terceiro, As favelas paulistanas, conceitua o que é o fenômeno da favela em São Paulo e faz um breve histórico da sua ocorrência; o quarto, Modos de morar:

1 Mestranda em História pela Universidade Federal de São Paulo. À época do envio do artigo, em 2020, a autora ainda não tinha ingressado no mestrado.

2 Graduada em História pela Universidade Federal de São Paulo.

Quarto de despejo (1960) e *Casa de alvenaria* (1961), reflete acerca dos modos de morar de Carolina.

2. VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Nascida no ano de 1914 em Sacramento, Minas Gerais, Carolina foi uma escritora negra, poeta e cronista que relatou em forma de diário a realidade social, econômica e cultural em que vivia. Morou na favela do Canindé em São Paulo, entre 1948 e 1960 e, por pouco tempo, de aluguel em uma casa de alvenaria em Osasco no ano de 1960, até que em 1961 foi para a sua sonhada “casa própria”, também de alvenaria, em Santana, aonde residiu até 1977, quando então faleceu.

Ganhou bastante notoriedade após a publicação de sua primeira obra, em 1960, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Apesar de ter tido pouco acesso aos estudos, sendo alfabetizada até o segundo ano primário, Carolina lia e escrevia e, em sua primeira obra, em forma de diário, retratou em vinte manuscritos³ seu cotidiano na favela do Canindé — localizada às margens do rio Tietê. As vivências retratadas não se resumiram, porém, à sua busca diária por subsistência, ou seja, à sua relação com o trabalho que exercia como catadora de papelão, ferro e outros materiais e a fome, que se apresenta de forma viva na obra, mas revelam as vivências de outros favelados com quem ela convivia, seus modos de morar e sua relação com seus três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice. Além disso, esse diário funcionava como um espaço onde Carolina exercia reflexões políticas e morais acerca da vida na favela.

Carolina teve dificuldades em publicar a sua obra, ela relata em *Quarto de Despejo* (1960) que havia enviado diversas vezes seus manuscritos para editoras, que sempre os recusavam. Foi somente após conhecer Audálio Dantas, jornalista interessado em fazer um jornalismo de denúncia social, que publicou excertos de seus manuscritos no jornal *Folha da Noite* (1958) e na revista *O Cruzeiro* (1959 e 1960), e que sua obra passou a ser conhecida e foi oficialmente publicada.

Com o sucesso de sua primeira obra, Carolina conquista sua almejada casa de alvenaria e é nesse momento que escreve sua segunda obra, *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada*, publicada em 1961, também em forma de diário. Sobre isso, Audálio Dantas, na apresentação

3 Audálio Dantas escreve em *A atualidade do mundo de Carolina*, prefácio à 10ª ed. que “a história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela.” DANTAS, Audálio. *A atualidade do mundo de Carolina*. In: JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. - São Paulo: Ática, 2014, p. 5.

da Obra (p.5), descreve que “Casa de Alvenaria é, na forma, o mesmo que o diário escrito na favela do Canindé; na essência, é coisa bem diferente; é um depoimento, também, mas sobre outro mundo – o mundo de alvenaria que foi sonho e conquista de Carolina”.

Nessa obra autora narra os bastidores do lançamento de seu primeiro livro, seu percurso de saída da favela, sua vida familiar, a mudança na sua relação com a fome, sua relação com os habitantes e ex-vizinhos da favela do Canindé, entre outros desdobramentos que decorrem do sucesso de sua primeira obra. Após o lançamento de seu segundo livro, *Casa de Alvenaria* (1961), Carolina dedicou-se a escrever outras obras como *Pedaços de fome* (1963) e *Provérbios* (1963). Faleceu em sua casa em 1977 de insuficiência respiratória, relegada ao ostracismo, uma vez que após a explosão de vendas da sua primeira obra e de intensa cobertura da mídia nesse período, caiu no esquecimento e retornou à pobreza. Outras obras, como *Diário de Bitita* (1986), *Antologia Pessoal* (1996), *Meu Estranho Diário* (1996), são de sua autoria, mas só foram organizadas e publicadas após a sua morte.

Segundo Jan Niklas em reportagem ao jornal *O Globo* (2018):

Carolina nunca foi tratada como a uma mulher inteligente e à frente do seu tempo (...) O aspecto da pobreza, da favela, da falta de estudos chamou mais a atenção como produto midiático, de puro marketing. Causou também ciúmeira na “classe” literária, muito elitizada: o boicote a Carolina foi feio, sem sentido, colonial e assustador.

3. TRADUÇÕES, RECEPÇÃO DE SUAS OBRAS E PRODUÇÕES ACADÊMICAS

Quarto de despejo (1960), sua obra de maior sucesso, foi amplamente difundida, sendo traduzida e editada dezenove vezes em diferentes países e vendendo milhares de exemplares. *Casa de Alvenaria* (1961), *Diário de Bitita* (1986) e *Meu estranho diário* (1996), são outras de suas obras que foram traduzidas para outros idiomas. No entanto, essas não receberam o mesmo prestígio e receptividade do público que *Quarto de despejo* (1960), pois o público se desinteressou pelo que Carolina tinha a dizer quando ela deixou a favela, tendo o seu segundo livro publicado uma tiragem muito menor do que o primeiro

Ainda sobre o sucesso de *Quarto de Despejo* (1960), Audálio Dantas (2014, p.6) destacou que:

Um livro assim, forte e original, só podia gerar muita polêmica. Para começar, ele rompeu a rotina das magras edições de dois, três mil exemplares no Brasil. Em poucos meses, a partir de agosto de 1960, quando foi lançado, sucessivas edições atingiram, em conjunto, as alturas dos 100 mil exemplares.

Carolina teve seus escritos adaptados em marchinhas de carnaval, produzidas pelo compositor B. Lobo e em peça teatral, produzida em 1961 por Edy Lima. Também inspirou o documentário *Favela – Das Leben in Armut* (Favela: a vida na pobreza) dirigido pela alemã Christa Gottmann-Elter e o programa *Caso Verdade*, exibido pela rede Globo em 1983. Sua trajetória de vida foi o tema do documentário *Carolina*, produzido em 2003 por Jeferson De, e do documentário *Vidas de Carolina* dirigido por Jéssica Queiroz em 2014. Além disso, Carolina também teve sua imagem divulgada em artigos de diversos jornais e revistas nacionais e internacionais, mas principalmente no jornal *O Globo* do Rio de Janeiro.

Diversos estudos foram realizados acerca da vida e obra de Carolina, em diversas áreas, o que inclui a publicação de artigos acadêmicos, teses, dissertações e biografias. A exemplo dessas publicações, podemos citar “Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane” (2008), dissertação de mestrado de Renata Jesus da Costa, que se propõe a analisar a posição de Carolina na sociedade enquanto sujeito feminino; *Muito Bem, Carolina!* (2007) de Marília Novais da Mata Machado e Eliana de Moura Castro, biografia sobre Carolina com enfoque na psicologia social e “Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira” (2020), de Carolina Schenatto da Rosa e Gilberto Ferreira da Silva, artigo publicado para a *Revista Estudos Feministas* e que visa pensar a (des)colonialidade na construção das relações entre raça e gênero a partir dos escritos da autora.

No escopo das produções acadêmicas, também podemos destacar José Carlos Sebe Bom Meihy, Professor Dr. e historiador aposentado pela Universidade de São Paulo, e pioneiro nos estudos de História Oral no Brasil, que contribuiu com as obras *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus* (1994), de sua autoria, juntamente a Robert Levine, que se propõe a uma abordagem de investigação historiográfica da vida da escritora e *Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio* (1998), obra que se propõe a analisar os silenciamentos históricos em que são postas às literaturas periféricas, sobretudo as de Carolina. O autor também foi organizador das obras *The Unedited Diaries of Carolina Maria de Jesus* (1999), *Meu estranho diário* (1996) e *The Life and Death of Carolina Maria de Jesus* (1995), publicou capítulos de livros sobre Carolina e apresentou trabalhos acadêmicos.

Cabe destaque também a Raffaella Andrea Fernandez, pesquisadora que na tese de doutorado “Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus” (2015) buscou compreender os processos criativos presentes nas narrativas dos manuscritos de Carolina, propôs-se a realizar uma cartografia dos manuscritos e a analisar os encontros e desencontros presentes numa linguagem ímpar do qual a autora valeu-se nos textos originais.

Em *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus* (2009), Fernandez apresenta os resultados de sua trajetória de estudos sobre os manuscritos de Carolina e busca estabelecer uma análise crítica literária, de forma a exaltar a escritora para além de alguém que fala apenas sobre a favela, uma vez que Carolina se dedicou também a escrever poemas, novelas, entre outros. Nesse sentido, cabe evidenciar também a obra *Clíris: poemas recolhidos* (2019), editada pela pesquisadora, e que reúne, entre outros textos, 21 poemas inéditos de Carolina e 12 composições musicais também de sua autoria, que nunca foram antes publicados.

4. AS FAVELAS PAULISTANAS

Tendo em vista que Carolina Maria de Jesus residiu na favela do Canindé, faz-se necessário trazer à luz das discussões a conceituação do termo “favela”, bem como um breve histórico acerca da formação das favelas na cidade de São Paulo, contexto em que se insere os relatos trazidos pela autora. Podemos definir “favela” como um tipo de ocupação urbana em que as moradias se realizam como um aglomerado de domicílios, em assentamentos irregulares ou informais, que podem dar-se em áreas públicas ou privadas. A favela também se caracteriza pela ocupação desornada, pela construção de moradias precárias e pela prática de autoconstrução (muito comum) ocorrer com materiais improvisados como placas de compensado, plástico, papelão, zinco, etc., e/ou de segunda mão. Além disso, as favelas possuem ausência de serviços públicos e população de baixa-renda. PASTERNAK (2006, p. 179) aponta a origem do termo:

A palavra favela se origina, ao que parece, em um arbusto comum na região de Canudos, chamado favela. Os soldados do exército brasileiro, voltando da luta contra Antônio Conselheiro e seus adeptos, não tinham lugar onde morar no Rio de Janeiro. Vão ocupar o Morro da Providência, onde se instalaram em barracos como o arbusto favela nos morros da região de Canudos. Daí o nome para esse tipo de assentamento.

Com a proclamação da República, em 1889, ocorrem mudanças em São Paulo que buscam transformar a cidade em um lugar cada vez mais urbanizado, tendo como modelo as cidades europeias e recebendo intensa imigração, em grande parte europeia, para trabalhar não apenas nos cafezais, mas também nas nascentes fábricas paulistas. A partir dessa concentração de imigrantes na cidade, que vem para trabalhar, são formados bairros operários e industriais.

Mas esse fenômeno não ocorreu separadamente de outro: a abolição da escravidão no Brasil em 1888. Segundo Marcos Napolitano (2016: p. 18), o incentivo a vinda de imigrantes para o Brasil representava a substituição do negro como componente racial brasileiro, ideologia do branqueamento, e substituiria a mão de obra negra escravizada. Os destinos dos negros recém libertos variavam de acordo com a região do país, mas em sua maioria, foram relegados a trabalhos desqualificados. Muitos passaram a realizar trabalhos braçais nas fábricas, nos portos

e dedicaram-se a trabalhos domésticos, dando continuidade ao que já ocorria no Império. A marginalização econômica e social dos negros no pós-abolição justifica as mazelas sofridas por essas populações nas décadas subsequentes.

Segundo REIS (2004, p.141) a cidade foi crescendo como um polo de produção, de distribuição industrial e de comércio. CASTILHO (2013, p. 35) registra que se em 1890, a cidade contava com 65 mil habitantes, em 1930, a cidade já possuía 900 mil. Para SETÚBAL (2008, p. 170) a capital paulista se torna também um centro cultural, nela converge os sistemas de transporte, a sede do governo, as instituições de ensino e os principais órgãos de imprensa. E nela foram morar as elites.

Mas esse investimento na infraestrutura da cidade foi feito de maneira desigual, havia bairros que recebiam mais atenção, por serem os locais onde as elites e a classe média se instalaram, e os bairros que eram centrais no Império perdem, gradualmente, a sua importância. Para CASTILHO (Ibidem, p.36) enquanto a população rica e classe média gozavam de diversos planos urbanísticos e melhorias implementadas na cidade, as classes trabalhadoras ficavam relegadas às vilas operárias, aos cortiços em casarões antigos e abandonados das zonas mais centrais, aos barracões ou edículas precárias nos quintais dos casarões e às casas de autoconstrução nas periferias ou loteamentos populares.

Houve um fluxo de migrantes para São Paulo que ocorreu entre o final de 1940 e o início dos anos 50, o que fez com que o crescimento populacional da cidade aumentasse novamente e que, em consequência disso, aumentasse o número de pobres na cidade, e nos bairros mais pobres, o que dá início a formação de favelas. Esse fenômeno ocorria em zonas mais afastadas do centro e fazia com que esse contingente populacional ocupasse de forma irregular o solo urbano, seja através de loteamentos clandestinos ou da invasão de áreas públicas e privadas, o que fez com que o desenho urbano de São Paulo se ampliasse.

Outros fatores relevantes em relação a formação das favelas para LARA (2012, p. 141) foi a destruição dos cortiços e cabeças-de-porco em um projeto higienista conduzido por Prestes Maia e as obras de automobilismo realizadas em seu governo e que continuaram sendo realizadas nos posteriores, como o alargamento ou abertura de avenidas. GODINHO (1955, p. 8) cita que:

Pelos anos de 1942 a 1945, quando então prefeito o Dr. Prestes Maia, com as desapropriações feitas em virtude da abertura de avenidas, como a Nove de Julho e outras, nos Campos Elíseos etc., muitas pessoas ficaram sem abrigo. Improvisaram-se uns barracões no local onde se achava instalado o Parque Changai, e assim se iniciou a primeira favela que era denominada 'Favela Prestes Maia' ao longo da Avenida do Estado.

5. MODOS DE MORAR EM QUARTO DE DESPEJO (1960) CASA DE ALVENARIA (1961)

A obra é intitulada como *Quarto de Despejo* porque, segundo a autora, em 1948, Prestes Maia começou a organizar uma reforma de urbanização na cidade de São Paulo em que os pobres que habitavam “os porões” foram retirados de lá e jogados ao relento. Assim, conforme Carolina (1960, p.17):

É porque a favela é o quarto de despejo de São Paulo. É que em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres que residíamos nas habitações coletivas fomos despejados e ficamos debaixo da ponte. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós os pobres somos os trastes velhos.

Ainda a respeito do título das obras, segundo o site de decoração e arquitetura Decorfacil, casas de alvenaria:

(...) são construções feitas com cimento, tijolos ou blocos de concreto, argamassa, vigas e colunas de ferro e água, é claro. A alvenaria é um dos tipos mais seguros de construção e é perfeita para quem sonha em ter uma casa moderna, que pode seguir tanto uma linha tradicional e clássica, quanto um modelo mais rústico ou até industrial, uma vez que há a possibilidade de inserir junto com a alvenaria materiais como madeira, pedra, metal e vidro, além da opção de deixar os tijolos aparentes.

Carolina, na favela, morava em uma autoconstrução com materiais improvisados encontrados no lixão, dos quais ela cita as tábuas estragadas e os papelões mofados e apodrecidos. Sua casa estava sujeita a goteiras, a insetos e a ratos. E era insalubre, ou seja, um lugar demasiado úmido e fétido. Quando saía da favela e avistava casas de alvenaria, ela desejava ter uma pois, para a autora, isso significava viver com mais qualidade de vida e promover para os seus filhos o mesmo. A diferença entre as duas habitações em que a autora viveu fica nítida quando evocamos o excerto do prefácio de *Casa de Alvenaria* (p.7):

Mas entremos na Casa de alvenaria de Carolina, que é bem diferente daquele barraco número 9 da Rua A, favela do Canindé, que tinha sala-quarto-cozinha num só cômodo nada cômodo. A casa de Carolina, agora, é casa-sobrado, com sala, salinha, quarto, cozinha, quintal, jardim. E uma escada que, se não me engano, tem dezenove degraus! No jardim de Carolina tem uma roseira que bota muitas rosas, vêm as crianças, colhem as rosas, ela não se incomoda, porque – pensa – Deus faz nascer mais. A roseira é felicidade na casa de alvenaria, assim como o menino nu chorando de barriga vazia era tristeza no barraco do Canindé.

É importante frisar que Carolina não descreve muito a respeito de sua moradia na casa de alvenaria, diferentemente do livro anterior, em que o modo de morar na favela é objeto central da obra, o título *Casa de Alvenaria*, se refere a um fenômeno: a transição social. Na maior parte do livro, a escritora não está em sua casa de alvenaria e nem convivendo com a sua vizi-

nhança, como no livro anterior, ela está viajando ou realizando passeios e participando de eventos sociais, pois o livro tenciona mostrar as mudanças e transformações socioeconômicas que a fama trouxe para Carolina e como é finalmente pertencer ao status social de ascender à “sala de visita”.

É possível observar, através dos lugares em que ela relata que esteve, como foi meteórica a sua fama, uma vez que visitou lugares frequentados pelas elites, como o Copacabana Palace e foi recebida na Mansão dos Matarazzo e na casa de Leonel Brizola. É possível traçar um percurso linear de mudanças de endereço e configuração dos espaços de moradia em *Casa de Alvenaria*, como destaca PALMA (2017, p. 14): “(...) o início na favela, a saída da favela, a vida em Osasco, a mudança para Santana, o período convivendo com os inquilinos, a saída dos inquilinos e a reforma do sobrado”.

Carolina faz uso do termo “sala de visitas” para se referir às moradias urbanas fora da favela e à sua nova condição de vida. Possuir uma sala de visitas é possuir uma casa de alvenaria, uma casa particular, sendo algo que representa um “status” para a escritora. No prefácio de *Casa de Alvenaria*, feito pelo repórter Audálio, ele diz que ela “lutou desesperadamente para entrar na sociedade mais ampla e menos infeliz da sala de visitas” (p.5).

Émile Littré (apud PERROT, 1991: p. 307) escreveu que: “A vida privada deve ser cercada de muros. Não se permite esquadrinhar e revelar o que se passa na residência de um particular”. Nos anos 60, quando o livro de Carolina é escrito, já se havia disseminado popularmente a ideia de que as casas deveriam ser próprias, e que as moradias coletivas não eram desejáveis, relegada desde sempre às classes populares, que antes viviam nos cortiços e desde os anos 40 migraram para as favelas. E assim, amontoadas, convivendo em grande quantidade nos mesmos diminutos espaços, aos olhos das camadas dominantes essas pessoas vivem em torno de uma sexualidade primitiva e dentro de um caos selvático (1991, p. 316).

Os barracões se inserem em um espaço de uso compartilhado, o que faz com que a convivência com os vizinhos seja extremamente intensa, como relata Carolina. Ela precisa conviver muito próximo até mesmo daqueles com que ela não se dá bem, como a dona Rosa, que a odeia e maltrata seus filhos e que, em um episódio, vai até a janela do seu barracão quando ela não se encontra e joga um jarro de fezes neles (1960, p.13). Esse episódio também revela que não há muita segurança e privacidade nos barracões. “E o pior na favela é o que as crianças presenciam” (1960, p.40) diz a autora, sobre a nudez e as brigas que as crianças presenciavam publicamente.

Entre esses espaços compartilhados estão as torneiras, que as mulheres geralmente utilizavam para procedimentos de limpeza, tanto dos barracões, quanto de higiene pessoal. Mas

essa água não estava disponível o tempo inteiro, como menciona Carolina, ao dizer que aos domingos a água era recolhida mais tarde que nos demais dias (1960, p. 23). Essa torneira de uso comum, pelo amanhecer, “ficava suja de bosta” e era a única que havia. Faltava saneamento básico nas favelas. O próprio jarro de fezes existia porque não havia um vaso sanitário dentro dos barracões. Faltava também, muitas vezes, dinheiro para comprar sabão para limpar as próprias roupas: Carolina relata mais de uma vez que chegara a ficar três semanas sem lavá-las (1960, p. 90).

As roupas eram lavadas nos rios, que é outro espaço compartilhado. Sobre o rio, ela diz em *Quarto de despejo*: “Nós pobres viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginal. Não mais se vê os corvos voando às margens do rio, perto dos lixos” (p. 55). Havia deficiência de água e as brigas eram frequentes em torno da torneira de uso comum. Carolina, ora para evitar as brigas e as conversas que aconteciam na torneira, ora pela falta de água, relatou que por vezes lavava as roupas na lagoa, cuja prefeitura já informara que transmitia a “doença do caramujo” (p. 71), a esquistossomose.

A favela é vista pelos vizinhos moradores de sua casa de alvenaria como um lugar de decadência moral. Além do estigma em relação à imagem que foi construída de uma casa salubre e da ideologia da casa própria, bem como a rejeição às moradias coletivas, e da favela ser considerada pior que o cortiço e que a cabeça-de-porco⁴ havia o fato de que os favelados, de vez em quando, organizavam batucadas que soavam como bagunça e irritavam esses vizinhos de fora da favela conforme trecho de *Quarto de despejo* (2010, p.27):

(...) Tem noite que eles improvisam uma batucada e não deixa ninguém dormir. Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram. Os vizinhos das casas de tijolos diz:
– Os políticos protegem os favelados.
Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitorais.

Em sua primeira obra, Carolina chama atenção para o fato de que a favela é construída em terrenos irregulares, estando sujeita à ação do Estado, que pode exigir que os moradores desocupem a área visando utilizá-la para outras finalidades. Carolina até relata um episódio de desocupação de um desses terrenos irregulares, que pertenciam ao Estado, onde havia sido construída uma favela e algumas casas de alvenaria, mas que, após o episódio, os moradores

4 Segundo a própria Carolina em *Quarto de despejo*: “Eu falei que residia em favela. Que favela é o pior cortiço que existe”. P.23.

tiveram que migrar para outras favelas, incluindo a dela, para construir seus novos barracos (p. 65).

Isso ocorreu com a favela do Canindé anos depois de Carolina ter se mudado para a casa de alvenaria. A favela sofreu um processo de desfavelamento considerado bem-sucedido, em que a maioria das pessoas foram removidas. Ela se localizava conforme o documento SÃO PAULO (CIDADE, 1962, p.10): “na margem esquerda do Rio Tietê, entre as ruas Azurita (antiga rua do Pôrto) e Felisberto de Carvalho. Era próxima à 4ª e 5ª Parada, hoje estação Eng. Gualberto, nas imediações do Rio Aricanduva, entre a estrada de ferro e o rio Tietê”.

Embora o foco esteja nos modos de morar dentro da obra *Quarto de despejo* (1960) e em *Casa de Alvenaria* (1961) não há como não citar um aspecto que faz parte do cotidiano do morador da favela: a fome. Ela organiza os hábitos dos sujeitos e sua relação com o espaço. Devido à fome, certas atitudes são tomadas, como a de procurar alimentos entre os restos, correndo o risco de comer coisas estragadas e adoecer. A saúde é precarizada dentro da favela, não apenas pela dificuldade em manter uma boa higiene e os contatos frequentes com os outros, que podem ter uma doença contagiosa, mas também pela fome e os meios de tentar saciá-la.

Carolina cita que ia às feiras buscar os alimentos descartados. Também cita um episódio em que um caminhão passou na favela e jogou uma lata com linguiças vencidas, e descreve outro caso em que jogaram mantimentos apodrecidos para os favelados. Segundo a autora: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos” (1960, p.28). Além das pessoas que jogavam lixo para os favelados, havia pessoas que nem mesmo deixavam seus restos disponíveis para eles. Ela relata que no Frigorífico jogavam creolina para os favelados não pegarem o resto de carne para comer e outros casos em que os mercadores e feirantes preferiam ver o alimento estragar a dar para eles.

De acordo com CORREIA (2004, p.47) o significado de casa que existe desde as primeiras formas de habitação é o de teto, alojamento e refúgio. Da casa como lugar de proteção, de defesa e de autonomia contra as intempéries e ameaças externas. Contra a chuva, o sol forte, as ventanias, os animais e de investidas externas contra o indivíduo. E mesmo essas funções primordiais não se realizam plenamente no barraco. Carolina relata que há goteiras no teto, que há a invasão da chuva com a enchente e de insetos e ratos, que há até mesmo o roubo de bancos que deixou no espaço do seu próprio quintal e que a vizinha entra no seu espaço privado para jogar fezes nos seus filhos. Não há a sensação de proteção no barraco e nem de autonomia.

Para CORREIA (Ibidem, pp.31-48), ao longo dos anos a casa vai assumindo diferentes significados para a população, se destacando aqui os de “santuário do lar” e o de “estojo do

homem". São duas formas que as pessoas aspiram ao construir uma habitação, e que Carolina manifesta o desejo de ter e as consegue ao final, através da sua casa de alvenaria em Santana, mas que durante o tempo em que vivia na favela pareciam realidades muito distantes para ela. A casa como estojó do homem é o espaço em que o morador imprime a sua identidade à casa, a decora e personaliza conforme seu gosto pessoal. Carolina até tenta personalizar seu barraco, fazer com algumas tábuas um cantinho para os seus livros e para escrever, porém, ela nunca se sente realizada no intento, pois não enxerga o barraco como lar e exatamente por isso não estabelece um relacionamento com a casa associando-a ao bem-estar da vida doméstica, como um "santuário". Para ela, o cotidiano doméstico é penoso e a casa é desconfortável.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que Carolina Maria de Jesus se tornou uma autora muito importante para entender como aconteceu o fenômeno da favelização em São Paulo, por oferecer um depoimento como alguém que residiu doze anos em uma das favelas que se formavam nos anos 50 e 60. Através do estudo das suas duas obras podemos entender como eram os modos de morar nessas favelas e como ele se contrastava com o modo de morar da classe média, ao qual Carolina ascende em *Casa de Alvenaria*. E nessa comparação entre esses diferentes modos de morar, nos deparamos com a desigualdade social como tônica. O livro promove mal-estar e indignação pelas agruras da vida na favela. A visão que temos de morar na favela é a de que essas pessoas estão lutando pela sobrevivência, mediante as maiores dificuldades e destemperos.

Ao mesmo tempo, podemos fazer duas observações acerca do modo como Carolina conduz a narrativa e se posiciona perante ela: a autora apresenta uma visão da favela que rompe com os estigmas sociais criados, e tenta reforçar a empatia e compreensão em torno dos fenômenos da favela e das pessoas que lá residem. E ao mesmo tempo, possui alguns dos mesmos preconceitos higienistas das elites e governanças ao se referirem às favelas. Ela possui uma visão negativa de muitos moradores da favela e de muitos dos fenômenos que lá ocorrem, ressaltando o tempo inteiro sua elevação moral em não ceder à bebedeira e de cultivar o hábito da leitura e da escrita. Entretanto, ela também reside a favela, e muitas vezes defende os moradores de lá, buscando compreender a pobreza como agente causadora das situações com as quais ela discorda, como na passagem em que ela se coloca como parte "desse povo", os favelados:

(...) Passou um senhor, parou e nos olhou. E disse perceptível: - Será que este povo é deste mundo? Eu achei graça e respondi: - Nós somos feios e mal vestidos, mas somos deste mundo." (1960:, p. 146)

O que é fundamental, no entanto, é que a Carolina tem plena noção do abandono do poder público e de que as pessoas têm uma visão negativa e até mesmo preconceituosa acerca dos moradores da favela, inclusive dela. E ela busca de certa forma através dos seus escritos dar voz a esses moradores e principalmente, fazer uma denúncia social a respeito das mazelas a que ela e os outros estão submetidos. Carolina demonstra a variedade de personalidades que há dentro da favela, desestigmatizando-a da visão de antro da bandidagem e dos maus costumes, uma vez que em *Quarto de Despejo* (1960) a maioria dos favelados, por exemplo, são trabalhadores desafortunados, e que mesmo aqueles que bebem e entram em confusões, assim o fazem para se desvencilhar da fome e outras intempéries vivenciadas na exclusão urbana.

Destaca-se a necessidade de um olhar empático, voltado para a ação e para a promoção da sensibilidade, pois a obra em seu tempo foi amplamente lida e não mudou a situação dos favelados vizinhos de Carolina, não melhorou as condições de vida da favela do Canindé e de nenhuma outra favela paulistana. A obra tirou a autora da favela, mas a levou para um mundo de pessoas oportunistas que a olhavam com exotismo, para situações sociais em que ela mesma percebia a falsidade e eloquência vazia, como é possível perceber no excerto da obra *Casa de Alvenaria* (1961):

Alguns iam à minha mesa. As mulheres que estavam na minha mesa falavam em reforma social. ...Eu pensava: Elas são filantrópicas nas palavras. São falastronas. Papagaios noturnos. Quando avistam-me é que recordam que há favelas no Brasil.

Carolina ao ascender ao espaço social da “sala de visitas”, conseguiu realmente melhorar as condições de vida dela e da família, mas não encontrou a felicidade que imaginava encontrar em sua casa de alvenaria. Ela não fala tanto sobre a casa tão sonhada, está sempre fora e quando está dentro do ambiente doméstico, é pensando em mudanças, em reforma, em adequação, chegando até mesmo a contratar uma empregada doméstica branca na tentativa de realização pessoal. A alegria inicial que ela sente ao se mudar para esse espaço, se transforma logo em desconforto, até por conta do assédio midiático. Segundo ela:

Estou lutando para ajeitar-me dentro da casa de alvenaria. E não consigo. Minhas impressões na casa de alvenaria variam. Tem dia que estou no céu, tem dia que estou no inferno, tem dia que penso ser a Gata Borracheira (1961, p.51).

Faz-se necessário que as obras de Carolina, bem como a sua biografia sejam conhecidas como denúncia da exploração midiática a que ela foi submetida pela editora, pelos jornalistas e por outros veículos da mídia. Divulgavam tanto os endereços da escritora quanto o valor completo de quanto ela estava recebendo ou iria receber em dinheiro, fazendo com que houvesse muitos pedintes à sua porta, e também com que a mesma não tivesse paz, sendo quase todos os

dias importunada por pessoas interessadas em explorar a fama momentânea de Carolina ou obter ajuda financeira. Além disso, Audálio Dantas e outros tantos inibiram Carolina de lançar suas outras obras em vida, de lançar suas músicas, de fazer parte da rádio e guiar a sua própria vida como a ela convinha. As pessoas que diziam se importar com ela não se interessaram em oferecer uma formação, cursos e meios de sobrevivência alternativos para a Carolina, nem se interessaram em ensiná-la a administrar o seu dinheiro e investir em planos de vida à longo prazo. Se preocuparam em gozar do sucesso meteórico de Carolina enquanto esse durou, o que fez com que após passado esse sucesso, Carolina morresse novamente na pobreza e no esquecimento em vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, Juliana Vargas de. *A favelização do espaço urbano em São Paulo*. Estudo de caso: Heliópolis e Paraisópolis. 2013. 257f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

CORREIA, Telma de Barros. “A Casa e seus significados” In: *A Construção do Habitat Moderno no Brasil (1870-1950)*. São Carlos: RiMa, 2004.

DANTAS, Audálio. *A atualidade do mundo de Carolina*. In: JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 10 ed. - São Paulo: Ática, 2014.

GODINHO, Marta Teresinha. *O serviço social nas favelas – São Paulo*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Serviço Social, 1955.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. Rio de Janeiro, Editora Paulo de Azevedo, 1961.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10 ed. - São Paulo: Ática, 2014.

LARA, Fernão Lopes Ginez de. *Modernização e desenvolvimentismo: formação das primeiras favelas de São Paulo e a favela do Vergueiro*. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Acesso em: 23 nov. 2019.

LITTRÉ, Émile. Dictionnaire de la langue française, 1863-1872 apud PERROT, Michelle. “Maneiras de morar” In: PERROT, Michelle. *História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, v. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom de. Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio. *Revista USP*, São Paulo, v. 37, p. 82-91, 28 set. 1998, p. 85. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/27047> >. Acesso em: 25 nov. 2019

REDAÇÃO, Da. Casa de alvenaria: conheça as vantagens, desvantagens e fotos. In: *Decor Fácil*, 9 maio 2019. Disponível em: <<https://www.decorfacil.com/casa-de-alvenaria>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

NAPOLITANO, Marcos. *História do Brasil República: da queda da Monarquia ao fim do Estado Novo*. 1. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

NIKLAS, Jan. Nova biografia de Carolina de Jesus tenta afastá-la do estereótipo de ‘escritora de favela’ *Cultura: O Globo*, 14 mar. 2018. Disponível em: < <https://tinyurl.com/6m67wu8> >. Acesso em: 31 out. 2019.

PASTERNAK, Suzana. *São Paulo e suas favelas*. Pós. Rev Programa Pós Graduação Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo, n. 19, jun. 2006.

PALMA, Daniela. *As casas de Carolina: espaços femininos de resistência, escrita e memória*. Cad. Pagu n.51 Campinas 2017.

PERROT, Michelle. "Maneiras de morar" In: PERROT, Michelle. *História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*, v. 4. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

REIS, Nestor Goulart. *São Paulo: vila cidade metrópole*. São Paulo: PMSP, 2004

SÃO PAULO (CIDADE), Divisão de Serviço Social, "Desfavelamento do Canindé", São Paulo, 1962.